



CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA ACELERAÇÃO SOCIAL DO TEMPO DE HARTMUT ROSA PARA OS ESTUDOS EM JORNALISMO

Helder Prior¹
Caio Teruel²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo: O artigo busca refletir sobre as contribuições teórico-metodológicas do sociólogo alemão Hartmut Rosa sobre a aceleração social do tempo para o campo do jornalismo. Assim, o pensamento aqui exposto parte das hipóteses de que existe em curso uma aceleração da produção jornalística que está em dessincronização com a capacidade receptiva dos leitores; e de que a exponencial produção informacional fragmenta o sentido dos fatos e facilita a desinformação. Em um primeiro momento apresenta-se a teoria da aceleração temporal de Rosa, e em seguida articula-se os pontos de contato possível com a comunicação jornalística e as categorias histórico-analíticas.

Palavras-chave: Jornalismo; Teoria da aceleração social do tempo; Hartmut Rosa; Desinformação.

¹ Professor visitante estrangeiro na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior. Realizou estágio de pós-doutorado na Universidade de Brasília (PNPD/CAPES 2014 e 2015), e na Universidade da Beira Interior (FCT- 2016-2018). E-mail: helder.prior@gmail.com

² Jornalista e mestrando no programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: caioteruel05@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em junho de 1897 Euclides da Cunha enviava o primeiro artigo ao jornal Estado de São Paulo. O texto dizia respeito à sua cobertura da Guerra de Canudos. No momento do envio o jornalista ainda não havia obtido a permissão de visitar a cidade de Canudos e por isso aguardava em Salvador- BA, para ir ao encontro de Antônio Conseqeheiro, líder místico do movimento. Este texto seria o primeiro de uma série de 22 cartas/ reportagens e 55 telegramas.

A partir desse momento, dado o contexto, o jornal paulista teria notícias suspensas pelo tempo. O envio de cartas, no fim do período do Brasil Império, demandava cerca de 12 dias para sua entrega. Os telegramas, enviados por rede elétrica, embora fossem mais rápidos, tinham questões técnicas mais restritas, como o pouco conteúdo e seu custo mais alto (MACIEL, 2001). A rede de telégrafos, inaugurada no Brasil em 1851, trazia em seu bojo uma era de transformações técnicas, culturais e informacionais.

O exemplo da cobertura da Guerra de Canudos realizada por Euclides da Cunha é sintomático das mudanças técnicas ocorridas na virada do século XIX para o século XX. Em pouco tempo as cartas seriam substituídas. O vislumbrar do novo século fora um choque de mudanças em diversas esferas da vida social. No campo do jornalismo não foi diferente. Seu surgimento nos moldes industriais se consolidou no amanhecer dos anos 1900 e se transformou radicalmente no final dele.

Os tempos atuais são diametralmente opostos aos tempos de Euclides da Cunha. A produção informacional trabalha em níveis estratosféricos e diluída, não se resguardando apenas às cartas como plataformas ou aos jornais impressos. Neste cenário, o presente artigo busca olhar para a produção jornalística contemporânea por meio da teoria da aceleração social do tempo de Hartmut Rosa e encontrar, por sua vez, os pontos de contato entre as categorias histórico-analíticas do teórico alemão e o campo jornalístico e sua formação socio-histórica, e, por fim, refletir sobre os impactos da aceleração temporal no que tange à recepção de notícias.



SOBRE A TEORIA DA ACELERAÇÃO SOCIAL DO TEMPO

Hartmut Rosa é um sociólogo alemão que iniciou sua carreira na ciência política e que por desvio acadêmico acabou na teoria social. Discípulo de Charles Taylor e Axel Hettich, Rosa é atualmente professor de Sociologia Teórica na Universidade de Jena e ao longo dos últimos 15 anos tem se debruçado para compreender o movimento aceleratório na modernidade, além de suas consequências e alterações no tecido social.

Seu livro central acerca da teoria da aceleração social do tempo, publicado pela primeira vez no Brasil em 2019 pela Editora Unesp, intitulado *Aceleração: A transformação das estruturas temporais na modernidade* é o principal tratado sobre o desenvolvimento temporal ao longo da história moderna.

Na obra, o teórico analisa a história moderna pelo viés da temporalidade, tendo sua tese principal a de que a modernidade se constitui pela aceleração temporal e se desenvolve por ela. Assim, Rosa (2019) inaugura o conceito de *estabilização dinâmica*, que traz em seu cerne a concepção de que as sociedades modernas — por meio de uma aparente contradição paradoxal — apenas se desenvolvem com base no progresso constante e desenfreado. Sem adiantar o argumento central, cabe ainda trazer neste ponto os desdobramentos da estabilização pela dinamicidade. Rosa, portanto, acrescenta que existe uma tríade responsável por sustentar a aceleração dessa sociedade: *crescimento material, incremento tecnológico e inovação cultural*.

Embora a teoria proposta pelo teórico alemão seja atual e se desdobre principalmente na contemporaneidade, ela não direciona suas forças para o tempo atual. O cerne da pesquisa de Rosa se dá ao longo de toda a modernidade, e para isso o sociólogo bebe de diversas fontes com o intuito de enxergar as forças aceleratórias ocultas em teorias sociológicas de séculos anteriores. A base de tal pensamento vale-se de Marx, Weber, Durkheim e Simmel. Nestes teóricos, Rosa, como em uma arqueologia da aceleração, lança luz sobre fenômenos que comprovam seu pensamento e coadunam com sua tese. O teórico tenta, como afirma Tzminadis (2018), se aproximar do pensamento clássico da sociologia e aos modelos de análise já consagrados.

Em Marx, teórico alemão do século XIX, Rosa capta o movimento aceleratório quando analisa o ciclo autodestrutivo que a dinâmica do capital impõe. Esse entendimento, por sua vez, dialoga diretamente com a conceituação do que Rosa chama de *es-*

tabilização dinâmica, provando, portanto, a expansão constante e desenfreada das sociedades capitalistas ocidentais em textos clássicos da sociologia.

Em Weber, a racionalização surge dos estudos realizados entre a ação política no tocante a grupos protestantes. O teórico alemão desenvolve a questão temporal à um problema de cunho de conduta puramente econômica, ou seja, formas viáveis e racionais de sua ação. Diferentemente de Marx, que enxerga uma causa estrutural, que se expande e foge do controle humano, Weber analisa o traço da racionalização e sua relação com o tempo por um viés cultural.

Em Émile Durkheim, sociólogo francês, o processo de diferenciação social evoca a teoria da aceleração social de Hartmut Rosa no sentido de uma consequência da modernidade, e não diretamente uma teoria para explicá-la, seja de maneira macro ou micro. Rosa adverte, assim, que a diferenciação social reduz os processos de interdependência, isto, por sua vez, desintegra o tecido social e cria uma situação de anomia. Vale aqui entendermos o processo na perspectiva de Rosa

No entanto, após um olhar mais detido revela-se que sua intensa busca por novas formas de integração e solidariedade social é motivada, tal como as teorias sociais dos outros clássicos, pela experiência central de uma sociedade dinamizada, fragmentada e acelerada, o que resulta de uma condensação das relações sociais. Em sua análise das formas anômicas de divisão do trabalho, vistas como um dos maiores perigos do processo moderno de diferenciação, ele identificou a anomia social como consequência das demasiadamente rápidas mudanças sociais. Como resultado do ritmo elevado das mudanças, a consciência e as regras de interdependência social erodem antes que novas formas de integração social tenham tempo de se formar. Portanto, a mudança social e a crescente diferenciação não são, em si mesmas, um problema para a sociedade, mas sua temporalidade (demasiadamente) veloz (ROSA, 2013, p. 51).

E por fim, em Simmel, a individuação, processo social centrado nas grandes metrópoles, condensa as formas e as dinâmicas da aceleração social do tempo. A individuação, diferentemente da diferenciação social, se caracteriza como “a dissolução dos laços fixos que atam os sujeitos ao grupo, às ideias, às crenças e, conseqüentemente a um quadro de referência sociais que balizam seus percursos biográficos” (TZMINADIS, 2008, p. 26). Simmel retrata, em sua conceituação de individuação, os impactos dos estímulos externos e internos que atuam sob a subjetividade dos indivíduos e a perda de conexão com os fatos e acontecimentos. Os apontamentos realizados por Simmel desa-



guam sobretudo no diagnóstico realizado por Rosa no campo das patologias do tempo, uma consequência direta da aceleração social.

CATEGORIAS HISTÓRICO-ANALÍTICAS

Deste modo, Rosa condensa a aceleração social em três dimensões fenomenológicas. Tais manifestações embora estejam imbricadas entre si podem ser lidas separadamente tanto pelo espectro material quanto pelo teórico. Essas categorias, por sua vez, ampliam o entendimento da penetração que a aceleração social possui no cotidiano dos indivíduos desde o início da modernidade, conforme aponta Hartmut Rosa. Além disso, o entendimento pelo qual o teórico alemão traz sobre tais categorias é a de independência e articulação autônoma entre as partes, pois possuem dinâmicas próprias.

Aceleração técnica

Assim, de modo mais claro, Rosa elenca a *aceleração técnica* como um propulsor para o aumento do ritmo temporal. Iniciada formalmente na Revolução Industrial — mas com resquícios de tempos anteriores — ela se firma como a categoria que fora pensada para a redução do tempo pelo espaço e automação técnica, logo, desaguando na aceleração temporal, tendo em vista a grande produção em curto espaço de tempo ou do encurtamento do espaço.

Sobre os meios de transporte, Rosa (2019) elabora uma tabela explicativa que elucida o aumento da velocidade, traçando uma linha cronológica que inicia antes mesmo da Revolução Industrial. Neste período, em 1830, os navios a vela possuíam a capacidade de percorrer 16km em 1 hora. Nos anos de 1920 os trens conseguiam a marca de 80km. Na segunda metade do século XX, 1965, os aviões a jato marcavam 1050km.

Quando Rosa (2019) disserta acerca da aceleração técnica, a imprensa se encontra no cerne desta questão. O efeito da supressão do espaço pelo tempo, consequentemente o avanço e a entrega das notícias, propicia, portanto, uma implosão da imprensa jornalística que se consolidava no local/regional desde o início (TZIMINADIS, 2018). Deste modo, a constante aceleração das técnicas potencializa uma dinamização maior no número de informação, ocorrendo uma perda da consciência em relação aos fatos, tendo em vista o acúmulo de informações diárias. Se nos séculos XVII as informações

de davam semanalmente, como aponta Franciscato (2014), as mudanças sociais e científicas do século XX transformou a notícia em um produto não apenas diário, como momentâneo, com notícias novas, de diferentes partes do mundo, a cada minuto.

A circulação dos jornais produziu também uma relação temporal específica conforme o período do dia em que iam para as ruas. O surgimento regular de jornais matutinos e vespertinos foi uma adequação tanto a hábitos dos leitores quanto ao acirramento da concorrência pela possibilidade de levar ao público notícias mais recentes. A dinâmica do ritmo diário de vida nas grandes cidades, por sua vez, contaminou os jornais de tal forma que mesmo a existência de duas circulações diárias não inibia o recurso à edição “extra” durante o dia quando fosse necessário e conveniente (FRANCISCATO, p.114, 2014)

Aceleração das mudanças sociais

A proposta que Rosa traz ao fundar nas sociedades fenômenos aceleratórios deriva historicamente das acelerações e evoluções técnicas, que *a priori*, movimentam o tecido social de modo a despertar no mesmo inspirações e amor à aceleração. Embora possa primeiramente analisar a evolução técnica e a partir daí avaliar a sociedade e os comportamentos, tal linha cronológica de análise nem sempre se mantém coesa, pois o mesmo pode ocorrer de modo inverso.

O psiquiatra Beard, no final do século XIX, chama atenção para o que ele vai denominar de Nervosidade Americana – Neurastenia. Ou seja, o impacto das novas técnicas, o avanço da indústria sobre a vida cotidiana.

A invenção da imprensa, a expansão do uso da máquina a vapor, na indústria e nos meios de transporte, o telégrafo, a imprensa jornalística, a máquina política dos países livres, as agitações religiosas que são sequelas do Protestantismo [...] além de, mais do que tudo, talvez, o aumento e extensão da complexidade da educação moderna, dentro e fora das escolas e universidades, o efeito inevitável do desenvolvimento da ciência moderna e a expansão da história em todos seus ramos [...] (BEARD, 2002, p. 178).

Embora possa se questionar as colocações machistas e preconceituosas no texto de Beard, principalmente sobre seu apontamento acerca da mentalidade das mulheres, é claro que seu entendimento sobre o impacto da imprensa jornalística sobre a subjetividade dos indivíduos e o como o avanço da técnica corrobora para o desenvolvimento de doenças psíquicas fora um pensamento até então pioneiro.

Neste cenário de efervescência, o jornalismo, como observador histórico da primeira onda de aceleração social relatou dia após dia as mudanças técnicas ocorridas no

mundo e o faz até os dias que correm. Abaixo destacam-se duas capas do jornal Folha de São Paulo da década de 1970 e 1980.

Em 1986, o jornal traz a materialização da conquista do espaço com uma foto que retrata o momento da explosão da nave que levaria tripulantes para fora do planeta Terra. A segunda capa, de modo mais discreto, traz a chamada “155 mil pessoas inauguram o Metrô”. Em ambos exemplos a aceleração é explorada no subtexto. O espaço sideral, que habita o imaginário de todas as sociedades, em 86, o contexto de Guerra Fria favorecia seu encantamento perante o público e portanto, sua ‘conquista’ representava avanço tecnológico e a evolução da nação. O metrô, embora tivesse chegado ao Brasil com cinco décadas de atraso, é um bom exemplo não apenas de encantamento da velocidade, mas como também é sintomático no sentido de provar que as ondas aceleratórias não ocorrem na mesma sintonia.

Fig.1-Capa do jornal Folha de São Paulo - 29/01/1986



Fig.2 - Capa do jornal Folha de São Paulo – 27/09/1975



Assim, embora sejam dois exemplos recentes, datados da segunda metade do século XX, o mesmo pode-se aplicar ao espanto dos parisienses ao ler em seus jornais sobre a invenção do cinematógrafo pelos irmãos Lumière ou a criação da máquina a vapor no século XIX. O jornalismo, como mediador do progresso técnico, e muitas ve-

zes um entusiasta, tem, portanto, consciência que ao notificar determinados assuntos em detrimentos de outros, contamina seus leitores pela excitação à técnica e ao moderno, pela vontade de fazer uma viagem de Metrô na década de 1980 ou ir ao cinema em 1895.

Aceleração do ritmo da vida

Por último, uma outra categoria histórico-analítica proposta por Rosa (2019) em que se manifesta o fenômeno da aceleração social do tempo é a da *aceleração do ritmo da vida*. Tal como as categorias supracitadas esta pode ser analisada de modo isolada como também de maneira concomitante às demais, todavia possui relação intrínseca com a aceleração técnica e seus desdobramentos no cotidiano.

Esta categoria apresenta, por fim, o aumento do número de ações e também experiências por tempo determinado, o que por sua vez, como aponta Tzminadis (2018) e Rosa (2019) reflete na percepção de ausência de tempo nos indivíduos. No âmbito do jornalismo, a aceleração do ritmo da vida pode ser compreendida pelo viés do aumento exponencial do número de notícias produzidas — e também recebidas — por tempo determinado, tendo como consequência a ausência de conexão com os fatos envoltos na tempestade noticiosa por parte do receptor. Assim, suscita-se aqui a clássica passagem de Jean Jacque-Rousseau em seu livro *Emílio ou da educação*

envolvido em um turbilhão social, basta que ele não se deixe arrastar nem pelas paixões nem pelas opiniões dos homens; veja ele pelos seus olhos, sintá pelo seu coração; não o governe nenhuma autoridade, exceto a de sua própria razão. Nessa posição, é claro que a multidão de objetos que o impressionam, os frequentes sentimentos de que é afetado, os diversos meios de satisfazer suas necessidades reais devem dar-lhe muitas ideias que ele nunca teria, ou que teria adquirido mais lentamente. (ROUSSEAU, p.356, 2004).

Rousseau (2004) esboça perfeitamente a sensação de que se tem nos tempos que correm. O aumento exponencial da produção de acontecimentos cotidianamente lança o homem médio em turbilhão que se constrói de modo repleto de opiniões – muitas vezes de especialistas -, de fatos que se dizem imperdíveis, de jornais sensacionalistas, além dos canais de notícias dedicados ao jornalismo o dia todo. O autor francês condensa a sensação do leitor contemporâneo do jornalismo ao enquadrar o indivíduo no turbilhão

de mudanças sociais e tecnológicas ao citar ideias que alguém nunca teria, aqui entendidas com a ausência do jornalismo, ou ao suscitar ser levado apenas pela razão, em uma espécie de contraponto à pós-verdade.

Nesse interim, se vale também o jornalismo online e seus aplicativos para celular, que irrompem ao longo de toda a noite, para usar o entendimento de Crary (2016), e avançam cada vez mais no sono, vencendo a última barreira do capitalismo com suas notificações, também chamadas tecnicamente de *push*.

Logo, vale-se aqui do entendimento que Rosa (2019) usa para analisar a exacerbção da aceleração nessas três dimensões fenomenológicas citadas acima. De acordo com o teórico alemão, a ação da aceleração temporal provoca o que ele chama de limites críticos das faculdades sensíveis e cognitivas quando o mesmo se propõe a analisar os movimentos, orgânicos ou não, que caminham na contramão da aceleração temporal. Para isto o teórico elenca cinco categorias de inércia, embora interesse para estas páginas apenas uma, passa-se rapidamente pelas demais.

Categorias de inércia

A primeira categoria diz respeito aos *limites de velocidade naturais*, que são impostos de modo biológico e químico, inerente e intrínseco ao corpo humano. Neste tópico também está incluso a capacidade cognitiva e subjetiva dos indivíduos, todavia, deve-se compreender, conforme aponta Tziminadis (2018), que a subjetividade ao longo da formação socio-histórica da humanidade adquiriu certa elasticidade dada pela modernidade.

A segunda categoria trata sobre as *ilhas de desaceleração*, lugares geográficos que ainda não foram tocados pelos fenômenos extremos da aceleração temporal. Tais lugares podem ser como tribos e grupos sociais que preferem o auto isolamento, como se tempo naquele lugar, estivesse parado.

Na Modernidade Tardia, tais ‘oásis de desaceleração’ sofrem uma crescente pressão erosiva territorial, cultural e econômica. A lacuna temporal em relação aos ambientes passíveis e desejos de aceleração se torna cada vez maior e mais cara à medida que cresce seu ‘efeito de frenagem’ na interseção com o mundo social acelerado (ROSA, p.165, 2019).

As ilhas de desaceleração também podem se dar de maneira artificial, sendo lugares criados para relaxamento e tranquilidade, longe da vida conturbada da cidade, de seus barulhos, luzes e fluxos, longe da Neurastenia de Beard (2002). Neste tópico, é possível falar acerca do *jornalismo lento*, e de como o próprio campo reage a pressão exponencial sofrida pelo fator tempo. Este movimento, surgido em 2007, reclama a ausência de investimento por parte das empresas jornalísticas em narrativas longas de não-ficção e acredita que a hegemonia das chamadas *fast news* devem chegar ao fim. No lugar então surgiria o *slow journalism*, preocupado com a qualidade das informações que chegam até os leitores sem que a pressão do tempo ou o horário de fechamento da edição prejudique (NICKEL, 2018).

Deste modo, Rosa prossegue com *a lentificação como efeito colateral disfuncional*. Um efeito cada vez mais comum nas sociedades modernas que se amplia em diversas esferas da vida social e cotidiana. Os exemplos mais caros desta categoria de inércia podem ser observados nos congestionamentos do trânsito que outrora fora característica apenas de megalópoles, agora se torna visível em cidades de pequeno e médio porte. Todavia, esta categoria não se anexa apenas à técnica, é possível, como aponta Rosa (2019), enquadrar nesta categoria a exclusão dos trabalhadores da vida profissional no sentido em que “os motivos estruturais estejam ligados a um aumento da velocidade e da produtividade no processo de produção, de modo que os afetados [...] não consigam acompanhar o alto ritmo de atividade e inovação exigido na economia” (p.166, 2019). Vale ressaltar que a *lentificação* ocorre também como modo de dessincronização, ocorridos pela aceleração. Um exemplo claro disso é quando se ao buscar algo em ferramentas de pesquisa online há um descompasso de velocidade e a lentidão se impõe, acarretando em uma freagem. O que era para ser rápido se torna lento.

A *desaceleração intencional*, a quarta forma de inércia elencada por Rosa cabe de ocorrer de forma i) ideológica; e; ii) desaceleração como estratégia de aceleração. A primeira categoria diz respeito às formas de desaceleração consciente que objetivam a demanda e a canalizam ao longo da história, constituído por movimentos que negam a modernização em suas diversas esferas. A segunda categoria diz respeito ao aumento da velocidade pela desaceleração, isto é, parar de maneira consciente para aumento das capacidades. Tzminadis (2018) cita o exemplo contemporâneo de empresas de tecnolo-

gias que buscam relaxar seus funcionários com videogames, espaços de descanso, dentre outras maneiras.

Por último, Rosa (2019) nos apresenta a categoria de inércia denominada *enrijecimento estrutural e cultural*. Tal categoria se mostra como uma das mais paradoxais, pois parte da premissa de que em sociedades modernas o movimento temporal se inverte, isto é, do alto grau aceleratório surge o enrijecimento tanto estrutural quanto cultural. Diferentemente das outras categorias supracitadas de inércia, esta em questão surge de modo orgânico no seio da sociedade e se difunde de modo silencioso, não permitindo mudanças e cristalizando todos os movimentos contemporâneos. Deste cenário em questão, Rosa dispõe da expressão que sintetiza a situação: *frenesi em suspensão*

O JORNALISMO EM SUSPENSÃO

No campo do jornalismo, uma das propostas para enxergar este movimento é a disfunção narcotizante. O número exponencial de informações por tempo determinado, como visto em tópicos anteriores, provoca uma imobilidade física e mental, que por sua vez, em tempos de fragmentação da esfera pública, incapacita o receptor e potencializa a difusão de falsas notícias.

Um mundo em crise que perpassa os telejornais, os websites, os *push*, podcasts e outros meios de comunicação é assistido pelo cidadão médio diariamente e exaustivamente. O excesso de informações liberadas em todas essas plataformas muitas vezes se contrapõe e disputa com outras narrativas concomitante em campos expressivos de diálogo. Uma resposta sociológica vem de José de Souza Martins ao narrar a vida cotidiana

As grandes certezas terminaram. É que com elas entraram em crise as grandes estruturas da riqueza e do poder (e também os grandes esquemas teóricos). Daí decorrem os desafios deste nosso tempo. Os desafios da vida e os desafios da ciência, da renovação do pensamento sociológico. Se a vida de todo o dia se tornou o refúgio dos cétricos, tornou-se igualmente o ponto de referência das novas esperanças da sociedade. O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano. É que no pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil, dos movimentos sociais (MARTINS, 2008, p. 52).

Martins esboça a situação pela qual o homem comum se encontra em meio a diversas revoluções e rupturas. Assim, deve-se olhar de modo mais atento para não ape-

nas o cotidiano da comunicação, mas para as mediações que daí decorrem. Deste modo, a temporalidade se funde como uma lente teórica ímpar para analisar não apenas o fazer jornalismo nos tempos atuais, mas para reinventar a prática da comunicação e suas estratégias.

Mas não apenas isso, pois no cenário até aqui esboçado, o que se tem de fato é um mundo em crise sendo transmitido 24/7 em diversas plataformas, concomitantemente a um regime de atenção difuso no qual o jornalismo caminha a passos lentos. Isto é, os motores propulsores da aceleração social do tempo no campo do jornalismo, que deriva das categorias histórico-analíticas de Rosa (2019), se consolidam no campo da comunicação no entendimento da hiperconcorrência entre as empresas jornalísticas que no tecido social da atualidade estão a disputar a atenção demasiadamente fragmentada do leitor. Isso decore, de modo claro, da multiplicação das fontes de informação, da ubiquidade dos fatos e da consolidação do jornalismo como setor industrial de grande importância.

Os autores canadenses Jean Charron e Jean de Bonville em sua obra *Natureza e transformação do jornalismo* (2016) olham para o aumento da oferta do mercado midiático com bons olhos no sentido do aumento da possibilidade de escolha, todavia, ressaltam algo caro para a obra de Rosa (2019), que é o regime de atenção. Para os autores canadenses “a dispersão da atenção pelo crescimento da oferta limita a possibilidade de a mídia atrair grandes audiências, enquanto as condições técnicas de captação da atenção se tornam limitadoras para ela, já que pode perder a atenção do consumidor a qualquer momento” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 382).

Neste percurso cognitivo de atenção ocorre por sua vez a fragmentação do sentido pela duração da ação jornalística. Charron e Bonville (2016) trazem a questão ao analisar as diferenças de atenção entre pessoas jovens e mais velhas. Os jovens, nascidos em uma sociedade abundante em produtos midiáticos e digitais, consomem, ao analisar produtos televisivos, programas que trazem seu sentido de modo imediato, de maneira a facilitar o consumo de forma fragmentada. Diametralmente, pessoas mais velhas necessitam de uma ligação do começo ao fim do programa para adquirir sentido e significado, assim “a televisão sequencial e programada dos primórdios cede progressiva-

mente o lugar à TV da hiperconcorrência, interativa e sincrética [...] como é a navegação na web” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 382).

Assim, como hipótese central de investigação deste artigo, com base na ampla bibliografia supracitada, resume-se no gráfico abaixo a ideia central. Quanto maior o fluxo informacional derivado da aceleração temporal e de suas respectivas manifestações no plano fenomênico, maior será sua fragmentação de sentido e, portanto, maior a possibilidade de haver desinformação sobre os fatos. Todavia não é sempre que um grande fluxo informacional leva à fragmentação de sentido.

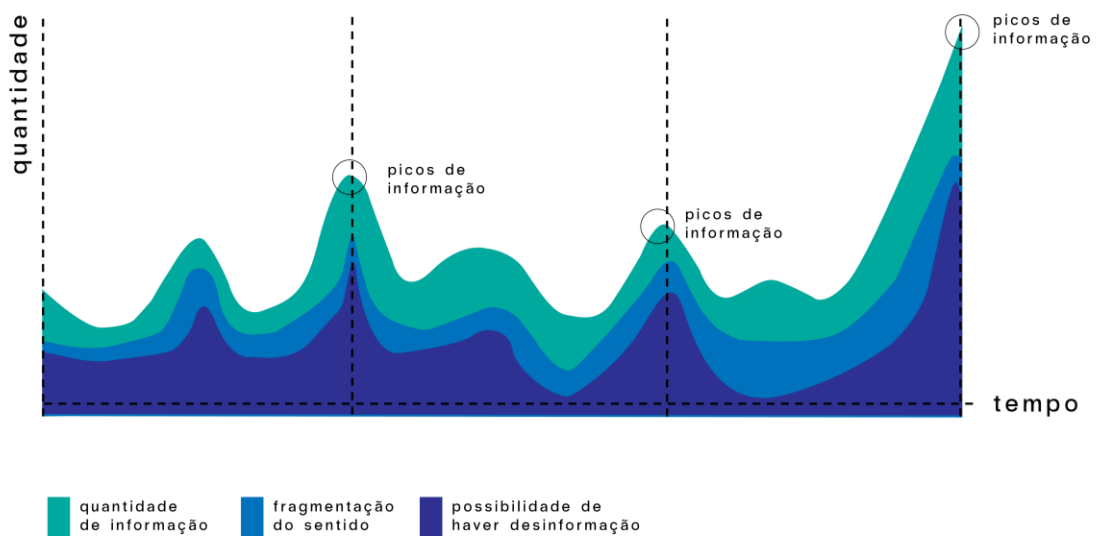


Fig. 3. Fonte: Teruel, 2020

É possível advir, como nos mostra o gráfico, momentos que embora tenham em sua constituição um alto grau de informação decorre de não elevar à fragmentação de seu sentido. Isso pode ocorrer por diversas razões, como o modo de abordagem da mídia hegemônica ao fato, o local de ocorrência, pelo agendamento midiático, pelo nível de reconhecimento social das pessoas envolvidas ao acontecimento ou pelo não engajamento do público.

Entende-se aqui como informação o produto noticioso contemporâneo desenvolvido por jornalistas em um contexto que se propõe a relatar acontecimentos — no sentido preconizado por Sodré (2012) —. Parte-se, portanto, do entendimento de um aumen-

to exponencial destes relatos que se compreende aqui como o aumento do fluxo informativo. De acordo com Sodré

A informação pública, sempre a meio caminho entre a produção e o lazer, insere-se na lógica moderna de estruturação do tempo social. A temporalização operada pelo jornalismo realiza uma síntese das continuidades, mudanças e passagens, que, de modo disperso ou caótico, definem o cotidiano. A *periodização*, que orienta a sequencialidade temporal de jornais e revista (afim à linearidade e sequencialidade do livro) é um exemplo de vinculação da experiência do tempo com os fatos da comunidade) (SODRÉ, 2012, p.87).

A periodização à qual Sodré menciona se dissolve no cenário de aceleração temporal pois transforma as fronteiras em campos de hibridização, desintegrando o que outrora havia, isto é, o início de um novo dia com a leitura do jornal impresso, a marcação do meio-dia pelo jornal televisivo da hora do almoço ou a hora do jantar pelo jornal da noite. A aceleração técnica permite o embaçamento de fronteiras temporais por meio do jornalismo pois todos os momentos podem ser preenchidos com o consumo jornalístico em suas diferentes plataformas. O fluxo informacional é incessante, apresentando-se “como um fluxo heterogêneo, senão estilhaçado, de dados significativos da existência, sempre sob modalidades de discurso afins ou compatíveis com os microuniversos do cotidiano e sob a regência de ritmos ditados pela produção industrial”.

Deste modo, o jornalismo em suspensão — para se fazer alusão à *frenesi em suspensão* de Hartmut Rosa — se codifica pela disfunção narcotizante contemporânea, categorizada principalmente pela base temporal e pela aceleração tecnológica, social e do ritmo da vida, propagandeada e noticiada pelo jornalismo atual. Neste sentido, o regime cognitivo de atenção que fragmenta o sentido pela duração abre brechas para a desinformação e notícias falsas, que derivam em partes pela fragmentação da esfera pública, que multiplica os centros de debate e cria bolhas sociais e também informacionais.

ALGUMAS IDEIAS FINAIS

A teoria da aceleração social do tempo, proposta pelo teórico alemão Hartmut Rosa é demasiadamente abrangente, o que por sua vez não se esgota em apenas poucas páginas. Ao contrapor a aceleração temporal frente aos estudos em jornalismo cria-se,



portanto, um crescente fértil de possibilidades de análises. O que fora exposto até aqui traz no bojo algumas de suas principais categorias histórico-analíticas, logo, a fenomenologia da aceleração em seu cerne, disposta na técnica, nos movimentos sociais e nos ritmos da vida. Além disso, vislumbra-se também nestas páginas o percurso teórico-histórico da aceleração nas teorias clássicas da sociologia de Marx, Durkheim, Simmel e Weber. Neste sentido, dispõe também das categorias de inércia, que se desenvolvem em contraponto ao estado de extrema aceleração temporal.

Deste modo, tendo este panorama fixado, o campo do jornalismo se expande historicamente, conforme a aceleração técnica avança e esbarra nos movimentos sociais e no ritmo da vida dos indivíduos, o que insere o fenômeno em um ciclo retroalimentar e aceleratório. Neste ciclo, por fim, o cidadão médio se encontra no turbilhão de mudanças e avanços, que de tempos em tempos o confronta ao novo, ao moderno, ao qual em um longo processo de enculturação o indivíduo se adapta e se prepara para as próximas mudanças que na contemporaneidade ocorrem rapidamente. Desde o século XIX as mudanças estão sendo apresentadas diariamente por meio das páginas de jornais impressos e revistas noticiosas. Conforme a técnica avança, o mercado jornalístico adentra cada vez mais no cotidiano e na intimidade dos indivíduos sociais por meio de *push*, plantões, redes sociais, em um ritmo frenético de publicação, acarretando, por fim, em uma saturação da consciência do receptor.

Neste panorama, a aceleração social do tempo se desenvolve no jornalismo por meio da produção exponencial de fatos e acontecimentos que por fim são descarregados 24/7 nos indivíduos, para usar da ideia de Crary (2016), alterando por fim as capacidades cognitivas e subjetivas dos receptores no que tange à disfunção narcotizante em um estado permanente de fragmentação do sentido, ao passo que potencializa a disseminação de falsas notícias, tendo em vista os moldes pelo quais operam as múltiplas esferas públicas na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BEARD, G. **A nervosidade americana**. Revista latino-americana de psicopatologia fundamental, ano V, n. 1, mar/2002.

CRARY, J. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu editora, 2016.

FRANCISCATO, C. E.. **O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. Brazilian Journalism Research (Online), v. II, p. 96-123, 2014.

Folha de São Paulo. **PRIMEIRA PÁGINA**. Agosto de 1985.

CHARRON, Jean; DE BONVILLE, Jean. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2016.

ROSA, Hartmut. **Social acceleration: a new theory of modernity**. New York: Columbia University Press, 2013.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade**. - São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ROUSSEAU, J. -J. **Emílio ou da educação**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Trad. Roberto Leal Ferreira.

SODRÉ, Muniz. **Narração do fato. Narração do fato: Notas para uma teoria do acontecimento**. Editora Vozes. 2012.

TZMINADIS. João Lucas Facó. **Frenesi em suspensão: Em direção a um modelo crítico a partir da teoria da aceleração social de Hartmut Rosa**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) 2018

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2020

MACIEL, A. Laura. **Cultura e tecnologia: a constituição do serviço telegráfico no Brasil**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, nº 41, p. 127-144. 2001

NICKEL, Barbara. **O que é lento no slow journalism? Uma análise da sua relação com o tempo**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - 2018.